



Banabuyé
307 Anos

A Arcádia



Esperança
95 Anos

Órgão de história – Publicação Mensal
historiaesperancense@gmail.com

ANO V – Domingo, 17 DE MAIO de 2020 N° 41

A Capelinha: Patrimônio Estadual



O **Diário Oficial** do Estado da Paraíba publicou hoje (11/11) a **Lei Estadual nº 11.571**, de 10 de dezembro de 2019, que inseriu a Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, conhecida como “**Capelinha das Pedras**”, deste Município de Esperança (PB), no Patrimônio Histórico e Cultural do Estado da Paraíba.

A Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro está erigida sob um imenso lajedo, denominado pelos indígenas de Araçá ou Araxá, que na língua tupi significa “**lugar onde primeiro se avista o sol**”. O local em tempos remotos foi morada dos Índios Banabuyés e o Marinheiro Barbosa construiu ali a primeira casa de que se tem notícia no município, ainda no Século XVIII.

O projeto de lei de autoria do Deputado Estadual Anderson Monteiro Costa foi sancionado ontem (10/11) pelo Governador João Azevêdo Filho, entrando em vigor na data de sua publicação. Este trabalho vem de encontro aos nossos anseios que há muito

buscávamos o reconhecimento de “Menor capela do mundo”.

Fruto desse nosso esforço à época, conseguimos trazer uma equipe da TV Paraíba, com mediação do jornalista Gustavo Xavier, que fez uma belíssima reportagem sobre o monumento, sem mencionar que a nossa publicação sobre esta Capelinha já alcançou o número de 3.174 *views*, que é um *record* para o BlogHE.

A Capelinha do Perpétuo Socorro – que pode ser considerada o menor monumento mariano do mundo fora da Itália – possui uma visão privilegiada da cidade e recebe visitaçãõ de curiosos e turistas que querem conhecer o lugar e sua história.

A história oral nos conta que no final do século passado houve um grande surto de cólera causando uma verdadeira pandemia. Dona Esther (Teté) Rodrigues, esposa do Ex-prefeito Manuel Rodrigues de Oliveira (1925/29), teria feito uma promessa e preconizado o fim daquele mal. Alcançada a graça, fez construir aquele símbolo de religiosidade e devoção.

Enquanto o título internacional não vem, nos conformemos com o título estadual e o reconhecimento municipal, já que há notícias de que tramita no Legislativo Mirim uma lei semelhante para inserir a capela também no patrimônio deste Município.



EXPEDIENTE:

A Arcádia - Jornal de história
Publicação Mensal - Ano V, Nº 41
Redatores: Rau Ferreira/Hauane/Heloise
Contato: historiaesperancense@gmail.com
Aceita-se produção textual e contribuições:



O Homem e a Natureza

A Parahyba ainda não tinha se estabelecido em todos os seus sentidos acerca da impressão encantadora dos quadros de Amélia Theorga quando surge **Balthazar Câmara** com a sua vernissage paisagística.

À exposição compareceram Silvino Olavo, Eudes Barros e Antonio Fasanaro que se dirigiram ao *salon* onde os quadros repousavam no aguardo dos visitantes. Puseram-se os poetas divagar acerca da aquisição de alguma obra, elegendo apenas uma condição: se fossemos os novos ricos!

“Compraria aquela”, dizia Eudes. “E eu... aquela”, completava Silvino. Com efeito, recém formado, não reunia o autor de *Cysnes* as condições econômicas para adquirir algum dos exemplares; o mesmo, talvez, se possa dizer do seu colega Eudes Barros, que igualmente fantasiava aquela ilusão de riqueza.

Quando estavam os três de saída, depararam-se com o governador João Suassuna, que acabara de chegar na companhia de alguns auxiliares de Estado. Excursionaram os vates com o presidente estadual que demonstrava temperamento de requinte discorrendo

acerca de suas predileções “por este ou aquele gênero pictural, por este ou aquele detalhe belo”, comentou Eudes.

As telas de Balthazar reproduziam a natureza do extremo norte, servindo-lhe o Estado do Pará de inspiração para o artista. Pintou, entre outros, o *Christus*, o *Apache*, *Cabeça de mulher* e a *Cabeça de Criança* todos com uma certa melancolia. Os quadros permaneceram expostos de 21 à 24 de janeiro de 1924 em salão nobre da Paraíba e foi visitado pela distinta sociedade da sua capital.

O Presidente João Suassuna adquiriu a tela *Nuvens da manhã* para sua coleção privada; e *Cainho florestal* e *Cabeça de Criança* para o acervo do governo. O quadro *Beira Mar* foi comprado pelo Sr. José Guedes Pereira Filho, Maré Baixa pelo Deputado José Queiroga. A tela *Cabeça de Apache* foi adquirida por Antonio Fasanaro, enquanto que o Dr. João Maurício de Medeiros comprou o quadro *Lavadeiras*.

Balthazar da Câmara era natural de Pernambuco. Estudou na Escola Nacional de Artes com Carlos Chambelland. Ganhou menção honrosa no salão nacional em 1926, e medalhas de bronze e de prata em 1927 e 1930.

No detalhe da foto, a pintura “*Rosto*” de Balthazar. Óleo sobre tela, de 1931.

Quem de nós não se pega recordando as conversas com os pais em casa heim? Ainda mais quando a realização do que antes era um singelo hábito saudável e necessário e torna-se possível apenas em sonhos, pois eles já... "partiram para outro mundo" como diziam os mesmos.

Meus pais (Hilda Batista e Martinho Soares), ambos gostavam de recordar e eu ouvia com muita curiosidade aquelas conversas sadias, cheias de lições para quem soubesse captar delas a essência do que era transmitido.

Através desses momentos de lembranças é que eu ouvia falar muito sobre "Os Rodrigues". O Sr Manoel Rodrigues de Oliveira, primeiro Prefeito de Esperança-PB e D. Esther Fernandes (Dona Teté), a Primeira Dama da nossa história; e os filhos do ilustre casal. Eles foram a família que cuidou do meu pai Martinho Soares, lhes deram uma educação aprimorada, completada pelo caráter irrepreensível que transparecia lhes ser inato.

A característica mais marcante de seu Manoel Rodrigues, "Padrinho Manoel Rodrigues" como meu pai costumava carinhosamente e muito respeitosamente falar, era ser um con-ci-li-a-dor.

Sempre em meio às dúvidas e divergências, tanto pessoas do meio político das cidades adjacentes quanto pessoas de outros ramos de atividades, costumavam ouvir suas palavras de solução aos conflitos. Era desta maneira com um povo que se dedicava a ser sociedade boa, no trato de se harmonizar e de estar em busca de melhor conceito a si mesmo e respeito ao próximo que se formou uma geração diferente da atual. O que extraímos desses relatos significa uma geração que posso aqui apresentar

de exemplos muito interessantes e até bonitos no modo comportamental.

Uma das causas de muitos problemas nos tempos de agora, é exato o fator da ausência de diálogos domésticos, as personalidades comunicativas não para futilidades mas para o que urge, para às demandas de turbilhões de incertezas que aflingem jovens e até adultos, pois a vida é feita de decisões. Pudessemos eu ter uma máquina do tempo para minha gloriosa "Visita À Casa Paterna" como expressava o nosso poeta Silvino Olavo, nessa oportunidade eu aproveitaria muito mais.

Então durante meu curso de história numa pesquisa sobre as oligarquias encontrei um livro de história local intitulado "Remígio, Brejos e Carrascais" (Ed. Universitária. João Pessoa/PB: 1992), nele páginas relatam que quando os líderes dessas cidades estavam à beira de um acontecimento que poderia terminar em divergências danosas, buscavam logo uma reunião aqui para tratar do assunto com seu Manoel Rodrigues, era como se fosse uma câmara arbitral informal que só, e somente era possível graças a essa cultura do diálogo que os tempos pós modernos insistem em deletar, mas o encontraremos em algum Hard Disc (HD), em algum espaço da nossa alma e o restauraremos, sob pena de perdermos nossa humanidade.

Este texto é dedicado ao meu ilustre amigo Dr. Rau Ferreira, escritor de muita ética, pesquisador que vem resgatando as páginas da nossa história, seu incentivo, apoio em publicar e autor da ideia de memórias de diálogos.

Martinho Júnior
Historiador

Poesia e arte

Desejo de amar

Com que corações...
Com que corações posso aproveitar
A vida é bela, e sei lá...
Com que corações posso amar
Ah se o amor fosse espinho
Espinho d'alma seria amar
Mas como flores não sei
Cantar os seus carinhos
Hei de sempre te amar
Com o canto dos passarinhos.
Banabuyé, 17 de maio de 2020.

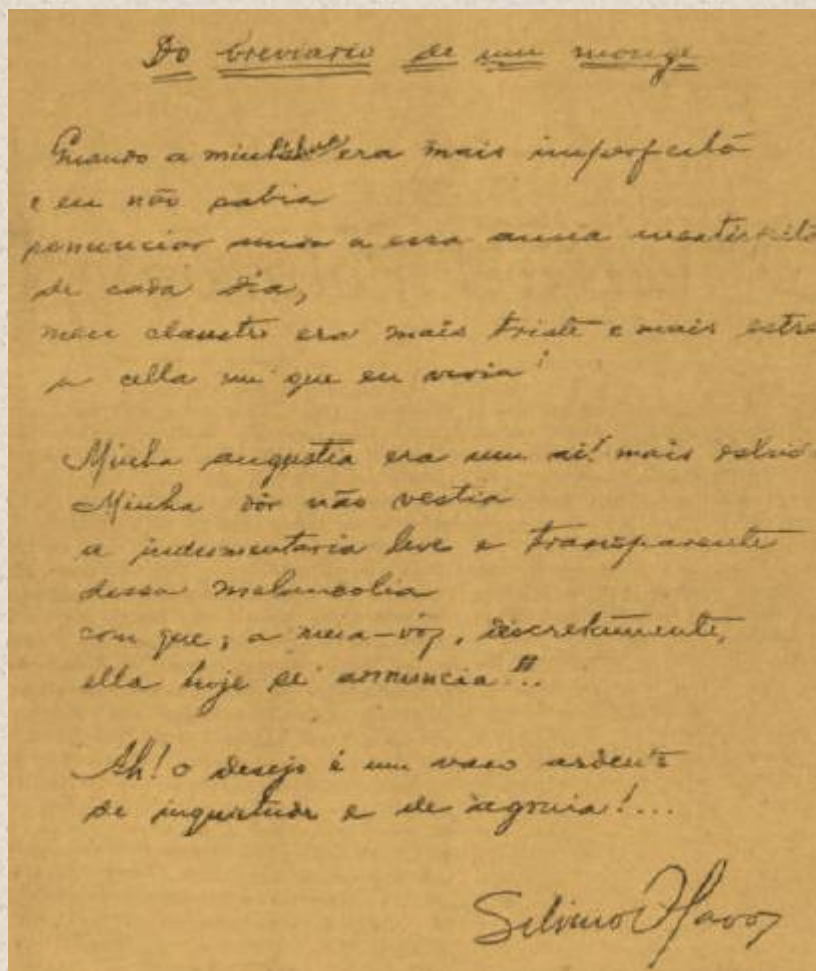
Rau Ferreira

Amor falso,

falso, adjetivo (**fal.so**)
Quando você fala que me ama
você mente para mim
ou para si

m
e
s
m
o?

Hauane Maria



Do breviário de um monge

Quando a minh'alma era mais imperfeita
e eu não sabia
renunciar ainda a essa ânsia insatisfeita
de cada dia,
meu claustro era mais triste e mais
estreita
a cela em que eu vivia!

Minha angústia era um ai! mais estridente...
Minha dor não vestia
a indumentária leve e transparente
dessa melancolia
com que; a meia-voz, discretamente,
Ela hoje se anuncia!!!

Ah! o desejo é um vaso ardente
de inquietude e de agonia!

Silvano Olavo

Comentário: Esta poesia manuscrita pelo poeta, a qual não se sabe a data, foi publicada no livro "Sombra Iluminada" em 1927, sob o título de "Cilício", com alteração apenas na pontuação.